

Lares luminosos e alegres

Lares luminosos e alegres

Tomás Melendo

2ª edição

Tradução
Mônica Diez



QUADRANTE

Título original
San Josemaría Escrivá y la familia

Copyright © 2016 Ediciones Rialp

Capa
Collecta Estúdio | Karine Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Melendo, Tomás

Lares luminosos e alegres: São Josemaria Escrivá e a família / Tomás Melendo;
tradução de Mônica Diez — 2ª ed. — São Paulo: Quadrante, 2026.

ISBN: 978-85-7465-425-6

1. Família 2. Casamento I. Título II. Série

CDD—306.85

Índices para catálogo sistemático:

1. Família 2. Casamento

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270
01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

*Às minhas duas filhas menores,
María José e Irene,
de quem tanto continuo aprendendo.*

Índice

Introdução	11
1. O amor de São Josemaria, divino e humano ao mesmo tempo	15
2. São Josemaria e o casamento	25
Primeira tarefa dos esposos: cultivar o amor recíproco	25
<i>Cuidar dos detalhes.....</i>	<i>28</i>
<i>Reinventar o amor.....</i>	<i>32</i>
<i>Até o infinito.....</i>	<i>36</i>
<i>Sem cessar no empenho.....</i>	<i>38</i>
Alguns meios para tornar o amor mais autêntico	43
<i>Uma “afirmação jubilosa”</i>	<i>43</i>
<i>“Afirmção afirmativa”</i>	<i>47</i>
<i>A beleza de ser mãe.....</i>	<i>51</i>
<i>“Negação afirmativa”.....</i>	<i>55</i>
<i>Tu, somente tu.....</i>	<i>60</i>
<i>Toda a minha intimidade</i>	<i>62</i>
O carinho dos pais transborda	65

<i>Amar-se para amar.....</i>	65
<i>O amor entre os cônjuges, na raiz da harmonia familiar</i>	69
<i>Que os pais se amem para educar os filhos!.....</i>	72
<i>O maior inimigo do casamento e da família</i>	80
Perdoar e pedir perdão: a atitude mais “rentável”	85
<i>Pedir perdão, perdoar e esquecer.....</i>	85
<i>Perdoar nos torna semelhantes a Deus</i>	90
3. São Josemaria e os filhos.....	97
O borbulhar do Sangue de Cristo	97
<i>São Josemaria, um pai de verdade.....</i>	97
<i>Nossos filhos são “antes” filhos de Deus.....</i>	100
Liberdade e confiança.....	106
<i>Libérrimos!.....</i>	107
<i>Amor desprendido</i>	114
<i>Confiança incondicional</i>	118
<i>“Arriscar-se” na educação dos filhos</i>	120
<i>Entrega.....</i>	123
O respeito dos pais aos seus filhos	126
Vale a pena ter filhos?	134
<i>Não cortar as asas do amor.....</i>	134
<i>Um reforço para o amor conjugal.....</i>	138
<i>Origem de novas pessoas: dignas, únicas e irrepetíveis</i>	142
<i>Colaboradores de Deus criador</i>	151
4. São Josemaria e a família:	
uma revolução no mundo.....	161
A família, motor da mudança social	161
<i>Uma revolução pacífica.....</i>	161
<i>Autênticas famílias, ligadas pelo carinho</i>	163
<i>Pessoalmente, familiarmente.....</i>	170
<i>“Possumus!”.....</i>	173
A pessoa nasce, se forja e “revive” na família	177
<i>Família, amor, pessoa.....</i>	177
<i>Quando a família é forte.....</i>	180
<i>Encher o lar de vida.....</i>	184

<i>Sístole e diástole</i>	187
<i>Família e milícia</i>	189
<i>Na família e a partir da família</i>	195
A mulher, chave das chaves	197
<i>“Feminizar” o mundo</i>	197
<i>Por inspiração divina</i>	200
<i>No lar e a partir do lar</i>	203
<i>As mulheres na política</i>	206
<i>O coração da família e do mundo</i>	210
5. O “segredo” da felicidade	215

Introdução

Inicialmente este livro teria o seguinte título: *A família à luz da vida e dos ensinamentos de São Josemaria Escrivá*. Descartei-o por ser muito longo, apesar de resumir bem as características e a possível originalidade do conteúdo, além de ser chamativo. A ideia era destacar alguns traços fundamentais da família, tendo como referência não apenas nem principalmente o que Josemaria Escrivá disse ou escreveu sobre isso, mas sobretudo o que ele *viveu* pessoalmente.

Por ter sido um apaixonado ardente, São Josemaria pode servir de modelo para qualquer casal que quiser levar à plenitude a aventura do amor conjugal. No carinho sempre crescente que o Fundador do Opus Dei tinha para com Deus e Nossa Senhora, encontram-se inúmeros detalhes concretos com os quais alimentar e enriquecer o afeto mútuo que os esposos desejam alcançar.

Mas Mons. Escrivá, além de ser o chefe da sua família de sangue desde a morte do pai, foi também Pai de uma família sobrenatural e humana ao mesmo tempo. O modo como tratava os seus filhos é uma fonte segura de inspiração para descobrir os princípios mais profundos e as numerosas atitudes particulares com que se podem iluminar as relações entre pais e filhos, e o caminho mais adequado para educá-los e cooperar no seu desenvolvimento como pessoas.

Por fim, e também como consequência da missão que Deus tinha confiado ao Opus Dei – família e milícia, como gostava de dizer –, São Josemaria tinha muito claro o papel que corresponde à instituição familiar e a cada um dos seus membros na construção do que Paulo VI e João Paulo II chamaram de “civilização do amor”. E também o papel de importância primordial que a mulher tem em tudo isso.

Desenha-se assim um quadro muito vivo e sugestivo do que a família deve ser nestes começos do terceiro milênio.

Contudo, o título em que pensei a princípio incluía também outra indicação básica. Não fala da família *segundo* a vida e os ensinamentos de São Josemaria, mas simplesmente *à luz* deles. Desse modo, quero indicar que a proposta é, tão somente, o que *eu vejo* depois de muitos anos tentando encarnar o espírito vivido e ensinado pelo Fundador do Opus Dei. Não se trata, portanto, do que se pode aprender dele, que excede muitíssimo o que está

recolhido nestas páginas, mas do núcleo do que eu consegui captar dessa riqueza, e também *tal como* eu o fiz.

Na verdade, até pensei em dar o título: *A minha visão da família à luz...* Porque é somente isso o que ofereço. Nem podia ser de outro modo. Ainda mais quando se trata de questões que afetam diretamente a vida, um conhecimento não é pleno senão na medida em que se encarna na existência de quem pretende se apropriar dele. E isso requer uma imprescindível e nem sempre consciente adaptação às circunstâncias pessoais, que forçosamente modificam a doutrina e muitas vezes a deformam e mutilam.

A isso se soma que nunca quis – porque seria impossível – esgotar o tema. O que apresento é um tipo de chave interpretativa mínima da família, apoiado em São Josemaria. Faço isso para que outros, mais inteligentes ou dotados de um amor mais penetrante, possam dar continuidade à tarefa e tirar proveito para as suas próprias vidas.

Por fim, tenho de expor outro motivo para justificar o atrevimento de publicar estas reflexões. Há alguns anos venho dedicando uma atenção especial a assuntos relacionados com a família: o casamento, o amor, a educação. Em muitos casos, percebia o quanto essas considerações deviam aos ensinamentos de Mons. Escrivá e procurei, pelo menos de forma genérica, registrar isso. Outras vezes, porém, não foi bem assim. Em mais de uma ocasião, descobri que uma ideia que me parecia original na

verdade estava – pois havia aprendido dele – nas linhas e nos lábios de São Josemaria, e captada de modo muito mais profundo e melhor expressa, em comparação com o que aparecia nos meus escritos.

Como discípulo – talvez incompetente – do Fundador da Obra, isso me deu uma profunda alegria: em última análise, o que eu havia feito vida da minha vida e depois aflorava na minha mente não estava tão longe do que ele vivera e ensinara. Mas como universitário, essa descoberta gerou um certo mal-estar, e sobretudo a urgência de pagar, pelo menos tornando-a pública, a dívida contraída. Reconheço, portanto, com agradecimento, que o fio condutor do que escrevi sobre a família veio de Mons. Escrivá. E, por conseguinte, dele também veio tudo o que pode haver de útil nestas páginas. Na minha conta devem-se depositar apenas os erros e o empobrecimento da sua mensagem.

Do ponto de vista formal, procurei conjugar no corpo deste livro a profundidade do pensamento de São Josemaria com uma exposição relativamente simples e linear, reduzida aos aspectos mais fundamentais. Pode-se, pois, ler perfeitamente (e inclusive em alguns casos pode ser preferível, para melhor notar-se a linearidade do exposto) sem recorrer às notas de rodapé. Estas podem ter duas funções: fornecer exemplos das afirmações feitas no texto ou apontar possíveis desenvolvimentos da matéria no infundável arcabouço doutrinal de Mons. Escrivá em relação ao tema.

1. O amor de São Josemaria, divino e humano ao mesmo tempo

Como já comentei alguma vez, na vida e na doutrina de São Josemaria Escrivá existe uma palavra que se ergue por cima de todas as outras: “amor”. Basta dar uma olhada no seu livro mais conhecido para notar isso. O primeiro ponto de *Caminho* começa assim:

Que a tua vida não seja uma vida estéril. – Sê útil.
– Deixa rasto. – Ilumina com o resplendor da tua fé e do teu amor. Apaga, com a tua vida de apóstolo, o rasto viscoso e sujo que deixaram os semeadores impuros do ódio. – E incendeia todos os caminhos da terra com o fogo de Cristo que levas no coração.

E o que fecha o livro, o ponto 999, resume taxativamente:

Qual é o segredo da perseverança? O Amor. – Enamora-te, e não O deixarás¹.

“Amor”, com letras maiúsculas e minúsculas. Mas não como dois princípios alheios entre si ou simplesmente sobrepostos nem meramente coordenados: apresenta-se como uma sólida trama vital na qual o Amor a Deus penetra inclusive nas mais intranscendentes das realidades cotidianas e as faz reverberar com o brilho inefável de seu vigor e beleza infinitos. O amor aos outros seres humanos serve como trampolim, estímulo e matéria para adentrar-se mais e mais nos domínios sobrenaturais, até estabelecer em Deus a própria casa e, repousando no próprio seio da Trindade, participar de cada uma das divinas Pessoas com uma intimidade indescritível.

* * *

Não é de se estranhar, por isso, que São Josemaria saboreasse com gosto, mesmo sabendo da sua baixa qualidade literária, aqueles versos clássicos que começam com uma afirmação rotunda: “Minha vida é toda de amor”²,

(1) Josemaria Escrivá, *Caminho*, Quadrante, São Paulo, 10ª ed., 2015. Todas as citações nas que não se mencionar o autor são de Josemaria Escrivá, o santo fundador do Opus Dei.

(2) “Gosto muito de repetir – porque tenho boa experiência disso – aqueles versos de pouca arte, mas muito expressivos: *Mi vida es toda de amor / y, si en amor estoy ducho, / es por fuerza del dolor, / que no hay amante mejor / que aquel que ha sufrido mucho.*” [Minha vida é toda de amor / e, se em amor sou sabido, / é só por força da dor, / que não há amante melhor / que o que muito tem sofrido] (Cit. em Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, Quadrante, São Paulo, 3ª ed., 2014, n. 68).

ou que empregasse, para manifestar sua vida de relação com Deus, os mesmos verbos que utilizavam os apaixonados nessa terra: contemplar, cortejar, fazer serenata, “fazer de urso”:

Não observastes que, para verem a pessoa amada, passam o tempo debaixo da janela ou perto da porta por onde essa pessoa tem de passar? *Hacen el oso*, fazem de urso, como dizem na minha terra para indicar as múltiplas maneiras que os apaixonados inventam para ver e contemplar a pessoa que amam. Pois eu gostaria de que cada um de vós fizesse de urso, para rondar a Deus como verdadeiros apaixonados.³

Nem é de assombrar que ele gostasse muito dos versos que tratassem de um sadio amor humano, que sabia elevar até o divino:

(3) E comenta Dom Javier Echevarría: “Essas frases – contemplar, fazer de urso, rondar, etc. – que se empregam na vida corrente para descrever os apaixonados, vinham-lhe imediatamente à cabeça quando descrevia o trato que devemos manter com Deus. Não eram pensamentos que ocorriam a uma inteligência bem dotada, nem figuras ou comparações de que se valia para atrair a atenção: correspondiam ao seu modo pessoal de dar voltas ao redor do Senhor, já que todo o seu comportamento girava em torno da sua relação de amor com Deus” (Cit. em Javier Echevarría, *Recordações sobre Mons. Escrivá*, Quadrante, São Paulo, 2001, pág. 94). Com o uso das manifestações do amor humano para expressar o amor divino, São Josemaria seguia com plena consciência o exemplo expresso de Jesus Cristo. Lemos numa homilia na que está falando de maneira emocionada do amor paterno de Deus: “Não estou inventando nada. Recordemos a parábola que o Filho de Deus nos contou para que entendêssemos o amor do Pai que está nos Céus: a parábola do filho pródigo. ‘Quando ainda estava longe,’ diz a Escritura, ‘viu-o seu pai e enterneceram-se-lhe as entranhas; e, correndo ao seu encontro, lançou-lhe os braços ao pescoço e cobriu-o de beijos.’ Estas são as palavras do livro sagrado: ‘cobriu-o de beijos, comia-o a beijos.’ Pode-se falar com mais calor humano? Pode-se descrever de maneira mais gráfica o amor paternal de Deus pelos homens?” (Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, Quadrante, São Paulo, 4ª ed., 2014, n. 64).

Para cultivar a intimidade com o meu Senhor, têm me servido também – não me importo de que se saiba – essas canções populares que se referem quase sempre ao amor: agradam-me de verdade. O Senhor escolheu-nos, a mim e a alguns de vós, totalmente para Ele; e nós transferimos para o divino esse amor nobre das estrofes humanas. Assim o faz o Espírito Santo no *Cântico dos Cânticos*, e assim o fizeram os grandes místicos de todos os tempos.⁴

Como também, não é de se maravilhar que Josemaria Escrivá semeasse as estradas da Europa com essas canções, preparando o terreno daqueles lugares onde o trabalho do Opus Dei iria começar, para que, quem chegasse depois, o encontrasse pronto para regar e fazer a colheita.⁵ Afirmava, com uma frequência cada vez maior conforme passavam os anos, que não seria fácil encontrar na terra uma pessoa de sua idade que falasse do objeto de seus amores com o ardor fervoroso e apaixonado com que ele se referia a Jesus. Agradecia a Deus o impulso crescente com que, no transcorrer do tempo, procurava sua companhia – *vultum tuum, Domine, requiram!*, Procuro o teu rosto, Senhor! –, diante da lânguida rotina que às vezes se

(4) *Amigos de Deus*, n. 184

(5) “Quando iam começar o trabalho do Opus Dei num novo país – lembra Dom Álvaro del Portillo –, seus filhos já encontravam o terreno ‘sulcado e semeado’ pelo Fundador, porque, como costumava dizer, tinha lançado com as mãos cheias por tantas e tantas estradas e caminhos dessa nação a semente de suas Ave-Marias, de seus cantos de amor humano que convertia em oração, de suas jaculatórias, de sua penitência alegre e confiante” (Álvaro del Portillo, *Una vida para Dios: Reflexiones en torno a la figura de Josemaría Escrivá de Balaguer*, Rialp, Madri, 1992, pág. 36).

introduz entre alguns cônjuges quando vão deixando de ser jovens.⁶

Enfim, não é de se estranhar que São Josemaria repetisse, de maneira formal e expressa, que Deus não lhe tinha concedido mais que um coração e que com ele – com o mesmo coração com que amava seus pais e seus irmãos na terra, os filhos de seu espírito e o resto da humanidade – tinha que se esforçar por amar a Deus, Nossa Senhora e São José, todos os santos e o Romano Pontífice.⁷

E que, como expressão desse afeto único e indivisível, passeasse com enorme facilidade do amor divino para o humano, e vice-versa, como se fossem fundidos numa só categoria de amor. E o explicava dessa forma:

Percebam que eu falo de coisas divinas de modo humano e de coisas humanas de modo divino. Porque

(6) “Ao estilo paulino, e de modo especialmente intenso nos últimos anos de sua vida, Mons. Escrivá sentia juntamente a aspiração de abraçar quanto antes o seu amor no Céu – quantas vezes repetiu *vultum tuum, Domine, requiram* – e o desejo de servi-lo eficazmente muito tempo na terra” (*Idem*, pág. 179).

(7) “Para que esta verdade se gravasse de uma forma plástica na vossa cabeça, preguei em milhares de ocasiões que nós não possuímos um coração para amar a Deus e outro para querer bem às criaturas: este nosso pobre coração, de carne, ama com um carinho humano que, se estiver unido ao amor de Cristo, é também sobrenatural. Esta e não outra é a caridade que devemos cultivar na alma, a que nos levará a descobrir nos outros a imagem de Nosso Senhor” (*Amigos de Deus*, n. 229).

Este texto é muito significativo, também pela presença da Santíssima Virgem, essencial para compreender o sentido de família próprio de Josemaria Escrivá, e consequentemente a fecundação recíproca dos amores divino e humano: “A relação de cada um de nós com a sua própria mãe pode servir-nos de modelo e de pauta para o nosso relacionamento com a Senhora do Doce Nome, Maria. Temos que amar a Deus com o mesmo coração com que amamos os nossos pais, os nossos irmãos, os outros membros da família, os nossos amigos ou amigas: não temos outro coração. E com esse mesmo coração temos que procurar a intimidade com Maria” (*É Cristo que passa*, n. 142).

que não posso falar de outra maneira. Eu sou um homem, um pobre homem.⁸

E também: “Temos que ser muito humanos porque, de outra maneira, não poderemos ser divinos”.⁹

* * *

De acordo com tudo isso, por exemplo, não tinha nenhuma vergonha em declarar-se “jogral de Deus” e comportar-se como tal: imitava, com ingênua simplicidade, diante de milhares de pessoas, a atitude e os movimentos dos saltadores de vara olímpicos que vemos na televisão. Colocava-os como modelo de concentração e empenho na hora de relacionar-se com Deus e com sua Mãe Santíssima.¹⁰

(8) Encontro realizado em São Paulo no dia 1º de junho de 1974, em *Encuentros con Josemaría Escrivá*, produzido pela Fundação Beta Films. Daqui em diante apenas *Encuentros*.

(9) Cit. em Álvaro del Portillo, *Una vida para Dios*, pág. 90, depois de recordar, com palavras de São Josemaria Escrivá, que não temos “um coração para amar a Deus e outro para amar as pessoas da terra”.

Poderíamos condensar o que vimos até agora com relação a esse ponto nestas duas citações: “A plenitude de Deus é-nos revelada e conferida em Cristo, no amor de Cristo, no Coração de Cristo. Porque é o Coração dAquele em quem habita toda a plenitude da divindade corporalmente” (*É Cristo que passa*, n. 163). E esta outra, parcialmente conhecida: “Mas vejamos bem: Deus não nos declara que, em lugar do coração, nos dará uma vontade de puro espírito. Não. Dá-nos um coração, e um coração de carne, como o de Cristo. Eu não disponho de um coração para amar a Deus, e de outro para amar as pessoas da terra. Com o mesmo coração com que amei os meus pais e estimo os meus amigos, com esse mesmo coração amo a Cristo, e o Pai, e o Espírito Santo, e Santa Maria. Não me cansarei de repeti-lo: temos que ser muito humanos; porque, de outro modo, também não poderemos ser divinos” (*É Cristo que passa*, n. 166).

(10) Como tantas outras, a expressão a que acabamos de nos referir aponta para um dos aspectos centrais da filiação divina, núcleo da vida e pregação de

Ou, num contexto análogo, gostava de comparar a oração do terço com a serenata que, diante da janela de sua amada, realizava um apaixonado, cujo carinho não diminui pelo fato de que, enquanto canta e dedilha o violão, a imaginação voa por um momento a lugares ou situações distantes da que agora lhe ocupa:

É como um namorado ou um bom filho que quer ter um detalhe com sua namorada ou sua mãe. E vai com o violão. Algumas vezes percebe o que está tocando, e em outras, se distrai um momento, mas continua com o violão, não é verdade? A mãe ou a namorada lhe agradecem da mesma forma, porque é uma manifestação de amor.¹¹

E, no rastro da mais requintada tradição paulina, num centro onde se fomentava de maneira muito particular a formação física dos jovens, sabia tirar partido dessas práticas esportivas para ilustrar o modo de encarar a luta ascética.¹²

São Josemaria e do espírito do Opus Dei. Em concreto, trata-se desse “entretenimento” de Deus que consiste em brincar com seus filhos pequenos. Recolho, entre os possíveis, o seguinte texto: “Não vos escondo que, ao longo destes anos, alguns se aproximaram de mim e, compungidos de dor, me disseram: ‘Padre, não sei o que tenho, sinto-me cansado e frio; a minha piedade, antes tão segura e chã, parece-me uma comédia...’. Pois bem, aos que passam por essa situação, e a todos vós, respondo: Uma comédia? Grande coisa! O Senhor está brincando conosco como um pai com seus filhos” (*Amigos de Deus*, n. 152).

(11) Encontro realizado em Cañete (Peru) no dia 13 de julho de 1974, em *Encuentros*.

(12) Trata-se de uma doutrina clássica inspirada no Novo Testamento. Em *Forja* se lê: “A luta ascética não é algo de negativo nem, portanto, odioso, mas afirmação alegre. É um esporte. O bom esportista não luta para alcançar uma só vitória, e à primeira tentativa. Prepara-se, treina durante muito tempo, com confiança e serenidade: tenta uma vez e outra e, ainda que a princípio

Introduzia Jesus e Maria em nossas atividades mais correntes, convertendo “a prosa diária em decassílabos, em verso heroico”.¹³ E mil detalhes desse estilo com um mesmo fundamento: a condição de filhos de Deus *em Jesus Cristo*, em quem habita a plenitude da divindade corporalmente (cf. Col 2,9).

Pois, como ele mesmo explicou,

Se aceitamos a nossa responsabilidade de filhos de Deus, devemos ter em conta que Ele nos quer muito humanos. Que a cabeça toque o céu, mas os pés assentem com toda a firmeza na terra. O preço de vivermos cristãmente não é nem deixarmos de ser homens nem abdicarmos do esforço por adquirir essas virtudes que alguns têm, mesmo sem conhecerem Cristo. O preço de cada cristão é o Sangue redentor de Nosso Senhor, que nos quer – insisto – muito humanos e muito divinos, diariamente empenhados em imitá-lo, pois Ele é *perfectus Deus, perfectus homo*, perfeito Deus, perfeito homem.¹⁴

Ou também:

Cristo, perfeito Deus e perfeito Homem, conduziu-se de um modo humano e divino para fazer chegar aos homens a sua doutrina de Salvação e manifestar-lhes

não triunfe, insiste tenazmente até ultrapassar o obstáculo” (Josemaria Escrivá, *Forja*, Quadrante, São Paulo, 3ª ed., 2014, n.169).

(13) Temos como exemplo estas palavras de uma de suas homilias: “O milagre que o Senhor nos pede é a perseverança na vocação cristã e divina, a santificação do trabalho de cada dia: o milagre de converter a prosa diária em decassílabos, em verso heroico, pelo amor com que desempenhamos as ocupações habituais” (*É Cristo que passa*, n. 50).

(14) *Amigos de Deus*, n. 75.

o amor de Deus. Deus condescende com o homem, assume a nossa natureza sem reservas, à exceção do pecado. Causa-me uma profunda alegria considerar que Cristo quis ser plenamente homem, com carne como a nossa. Emociona-me contemplar a maravilha de um Deus que ama com coração de homem.¹⁵

(15) *É Cristo que passa*, n. 107.